

JERUSALEM BLUES HOTEL

Just put your lips together and blow
 Lauren Bacall, *To Have and Have Not*, 1944

Chamaram-lhe Valentine. Olhos tão antigos que terão sido azuis no sono dos rapazes muito antes de Chet Baker. É a única viva numa história de mortos. Os vivos são demasiado novos. Chamam-lhe Mrs. Vester. Décadas de Jerusalém e continua a não ver Deus nas partes santas, por força, ou de ser uma rapariga do Yorkshire.

Já alguns mortos desta história tanto viam Deus que anteviam o regresso do Messias, e enquanto Ele não vinha cuidavam dos *simples*, algum reencarnado João Baptista, algum Jesus Cristo, doentes-ardentes de Jerusalém.

Muito sangram as cidades em que os homens se atribuem ao divino, e nenhuma como esta, cilício, íman, álibi. Quanto mais *simples*, mais pecador, e contra o pecado, Mateus 5,29 à letra. Uma rapariga tentou cortar a mão direita. No hospital deram com ela a arrancar o segundo olho, já o primeiro rolava pelo chão. Foi isto no século XIX, depois do sermão de um pregador sabe-se lá de que seita, contava a sogra de Valentine.

Bertha Spafford Vester, de seu nome.

É dos pais de Bertha que a história parte, há quase 150 anos, até vir dar a este Relais & Châteaux, que sucessiva ou cumulativamente foi:

- palácio de um *pasha* com quatro mulheres, cada uma em seu quarto de Verão e de Inverno sem nascer um varão (e assim morreu o *pasha*)
- colónia americana (tipo *kibbutz* ou comuna, mas asceticamente cristã) e depois sueco-americana (todos iguais, mas uns menos iguais que outros)
- apoio de judeus, muçulmanos e cristãos, com sopa dos pobres, hospital, orfanato, escola, trabalho, abrigo (antes, durante e entre combates)
- hospedaria para os peregrinos que chegavam a Jaffa e seguiam para Jerusalém enviados pelo Conde Ustinov (avô do corpulento Peter, que também cá veio dormir)
- *hostel* & depois hotel de charme com guerra quente & fria, de T. E. Lawrence (da Arábia) a Peter (Lawrence da Arábia) O'Toole (e Churchill, Chagall, Bacall, Gielgud, Greene, Le Carré ou a imperatriz da Etiópia)

— território de Jerusalém sempre ocupado (otomanos, britânicos, jordanos, israelitas) e oficialmente neutro (condecorado pela câmara israelita e *palestinian-friendly*)

— *lounge* CD-ONU-ONG, porque a diplomatas-humanitários-ativistas não bastam aperitivos, a informação tem de circular (a bem do bem, dos orçamentos, da solidão)

— e, por falar nisso, toda uma tradição de repórteres pelo menos equipados para bar de Inverno e de Verão, e alguma caça com molho de mirtilo (já que as suites do *pasha* trepam a 700 dólares, excluindo harém).

Mais pátios, fontes, jardins, piscina, *souk*, livraria, sem que tudo isto deixe de parecer uma casa de Jerusalém daquelas com chão de pedra polida por muitos passos.

Só a gestão é suíça, graças a Valentine, que, como já vimos, não acredita em Deus.

*

Houve um momento em que parte do mundo ocidental (incluindo o Comité Nobel) acreditou que israelitas e palestinos iam viver em paz, e esse momento tem raízes aqui.

Espessas de guardarem o fresco (nos quartos à sombra) e o calor (nos quartos ao sol), as paredes do *pasha* também guardam conversações secretas no esboçar dos Acordos de Oslo, simbolizados por aquele aperto de mão entre o primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Rabin, e o líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, a 13 de Setembro de 1993. O Presidente americano Bill Clinton teve de convencer Arafat a não beijar Rabin, mas para se chegar a esse ponto na Casa Branca muito aconteceu desde esta esquina da Nablus Road onde em letras gravadas se lê: The American Colony Hotel.

Claro que no Médio Oriente o muito de hoje é nada amanhã.

A partir de Oslo só se recuou, Rabin foi morto, Arafat morreu e, como veremos, Valentine, que nunca esperou milagres, também não espera muito dos vivos.

De resto, em Jerusalém, que tanto sufoca, o melhor é encher os pulmões de ar, neste começo do Verão de 2006. Está uma daquelas manhãs que cheiram a doce e a fresco, aos pães de sésamo quente empilhados em carros de madeira, aos grandes molhos de menta recém-colhida nos passeios, ao jasmim narcótico que transborda dos muros, e, subindo pela alameda do Colony, às muitas flores de Valentine.

Quem entra, tem logo à esquerda a casa construída pelo infértil *pasha*, Rabbah Effendi al-Husseini. Foi uma das pioneiras fora de muralhas.

Até meados do século XIX, Jerusalém amontoava-se toda dentro da Cidade Velha, milhares de cristãos, muçulmanos e cada vez mais judeus chegados aos portos da Palestina em barcos a transbordar.

Judeus que fugiam da morte na Rússia para muitas vezes morrerem de fome, tifo e cólera junto do último vestígio do Templo de Salomão. Árabes

muçulmanos e cristãos da cidade onde Cristo fez a Via Dolorosa e Maomé se lançou aos céus. Igrejas, ordens, missionários americanos e europeus disputando ao cotovelo a Terra Santa.

Um quilómetro quadrado sagrado para um terço da humanidade onde não chegava a água boa e de onde não saía a água podre, com esgotos e cadáveres a céu aberto, era Jerusalém no quieto estertor do império otomano. E lá fora rondavam as feras e o desconhecido.

O temor manteve-se, mesmo depois de os audaciosos saírem para um ar mais puro, a salvo de epidemias.

Assim fez Rabbah Effendi, ilustre do mais poderoso clã árabe da Palestina, os Husseini. Ergueu esta casa a dez minutos da Porta de Damasco (a principal entrada da Cidade Velha para o bairro muçulmano) e, se tivesse tido um herdeiro, provavelmente Valentine não estava aqui.

Na casa grande fica o pátio florido com fonte e palmeira gigante onde hoje (além de todos os protagonistas da informação local) tanto pode estar o americano que propõe um comboio de alta velocidade para solucionar o conflito israelo-palestiniano (Doug Suisman) como o israelita que para a Mossad é o espião nuclear por ter confirmado à imprensa que Israel tem um arsenal (Mordechai Vanunu¹).

Além do pátio, é também na casa original que estão alguns dos mais vistosos quartos (e o salão do *pasha*), o restaurante (sempre com gente de fora), o acesso à piscina (na área em que T. E. Lawrence jogava à baliza) e essa alcova de pedra e velas bruxuleantes que é o *Cellar Bar*, onde do desastre ao engate (vice-versa, à falta de jeito) vai menos de um copo (e nem o Colony seria Colony se fosse «seco»).

Quando chega o Verão, atravessa-se a alameda para as casas anexas, passando pelo pequeno *souk* de orientália (preços que davam para comprar uma loja inteira na Cidade Velha), pela livraria do jovial Munther Fahmi (talvez a melhor de Jerusalém para quem não lê árabe nem hebraico e está interessado nos dois lados e no resto do Médio Oriente), até aos vicejantes jardins, com árvores, relva, flores e esplanada junto ao bar em forma de octógono

¹ Funcionário de uma central nuclear no deserto do Neguev, Vanunu acabou por se despedir e foi viajar, convertendo-se ao cristianismo anglicano pelo caminho. O poder nuclear de Israel não era novidade, mas oficialmente mantinha-se tabu. Em 1986, Vanunu deu alguns detalhes ao *Sunday Times*, que publicou a história com grande destaque. Com a ajuda de uma espia loura, a Mossad raptou-o e levou-o para Israel, onde foi condenado a 18 anos de prisão. Quando Vanunu saiu da cadeia, em Abril de 2004, tencionava viajar, mas as autoridades israelitas continuaram a limitar os seus movimentos e a proibi-lo de falar com jornalistas. Começou então a passar os seus dias à volta da instituição anglicana que o acolheu em Jerusalém Leste, a Catedral de São Jorge, a cinco minutos do American Colony, onde podia nadar e apanhar sol, e um dos três ou quatro sítios nas imediações para beber um copo, comer e dar mais uma entrevista à imprensa estrangeira. Quem o conheceu em 2004 foi vendo ao longo dos anos um homem cortejado por aventureiras com idade para serem avós de outras, penduras que o queriam na fotografia e pacifistas que vinham e iam e a quem ele dizia (e de quem ele ouvia) infinitamente as mesmas coisas, um prisioneiro do passado que de manhã sabe o círculo que os seus passos vão fazer até à noite, e ano após ano continua a olhar furtivamente por cima do ombro, à procura da sua «sombra».



Valentine Vester,  porta da sua casa, no American Colony Hotel,
Jerusalém, Julho de 2006

onde, como um sacerdote, pontifica o homem a que uma alargada força multinacional chama Ibrahim (o que ele não viu, não ouviu e cala).

 por estas mesas que nos meses quentes se distende o cochicho médio-oriental da faixa *golden card*, com algum tempero de ps-rapados.

Mas, assim pela manhã, ninguém à vista a caminho dos aposentos de Valentine, num recanto suficientemente frondoso para parecer isolado do resto do hotel.

*

De calças e camiseta desportiva, Valentine está à porta, óculos num fio ao pescoço, cabelo todo branco, manchas na pele, costas curvadas, bengala.

Nasceu em 1912.

Mas vê-se como terá sido uma rapariga de mãos e braços delicados, olhos de grandes pestanas, hoje de cor incerta.

Uma inglesa de pergaminhos que podia ter envelhecido numa casa de campo com sofás floridos onde alguém fosse abrir a porta, e envelheceu numa casa de campo com sofás floridos onde é ela quem abre a porta.

Sofás floridos, mas em Jerusalém, e livros sobretudo em inglês nas estantes (uma estante: Whitman, Irving, Wordsworth, Tennyson, Shakespeare, Twain, George Eliot, Dickens, Carroll, Austen, Tolstoi...), ou nas mesinhas redondas entre os sofás (*Poirot's Last Case*, Agatha Christie).

Valentine tem 50 anos de Inglaterra e 45 de Jerusalém, duas vidas, diz.

Mas a segunda não rejeita a primeira, porque mesmo antes de se casar com Horatio Spafford Vester (o neto dos fundadores do American Colony), Valentine já tinha ligações familiares ao Médio Oriente, e é por aqui que a conversa começa, numa espécie de hospitalidade anglo-oriental, cada uma em seu sofá, luz velada por cortinas brancas, uma tranquilidade, sim, de campo.

«Eu tinha um tio, Ernest Richmond, que esteve aqui durante o Mandato Britânico, e em 1935 visitei-o, com o meu pai. Viajámos pela Palestina até Petra, algumas semanas de carro...»

Formado como arquitecto, esse tio, Ernest Tatham Richmond (1874-1955) teve a sua primeira experiência oriental no Egipto, e anos depois, em 1917, supervisionou restauros no Pátio das Mesquitas — coração do coração de Jerusalém, a que os muçulmanos chamam Haram al-Sharif e os judeus Monte do Templo —, tendo descoberto, pelo meio, os fornos onde foram cozidos os azulejos da mesquita Cúpula do Rochedo. Em 1920, foi convidado a voltar como Secretário dos Assuntos Árabes do primeiro governador britânico de Jerusalém, Ronald Storrs. E, neste cargo, terá sido fortemente responsável pela escolha do nacionalista radical Hadj Amin al-Husseini como Grande Mufti de Jerusalém². Ernest Richmond demitiu-se em 1924, mas regressou

² A Declaração de Balfour, de 1917, em que os britânicos apoiaram «o estabelecimento na Palestina de uma pátria para o povo judeu», marca uma radicalização do nacionalismo árabe palestíniano.

Eleito em 1921, Hadj Amin al-Husseini politizou o cargo de Grande Mufti, conduzindo uma guerrilha anti-sionista até os britânicos o expulsarem. Durante a II Guerra foi aliado do Eixo. Esteve com Mussolini e depois com Hitler, em 1941, levando esta proposta: os árabes ajudavam o Eixo a ganhar a guerra e depois o Eixo apoiava os árabes, descreve o historiador israel-